

A PUBERDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: A EXPERIÊNCIA DOCENTE EM CONFLITO COM O CONSERVADORISMO EM ASCENSÃO

Juliana Stein Nicoli¹, Luisa Machado¹, Sandra Escovedo Selles²

1. Estudante da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF)

2. Pesquisadora da Faculdade de Educação da UFF

Resumo

Este trabalho examina tensões entre o ensino de Ciências e Biologia, sobre temáticas da puberdade, no cenário atual de conservadorismo em ascensão. O ponto de partida foi uma denúncia feita a um livro didático de Ciências sob a justificativa de que as figuras dos órgãos genitais e conteúdos de educação sexual seriam impróprios para a idade dos estudantes. Realizamos entrevistas em Grupo Focal com professores e licenciandos de Ciências e Biologia, buscando compreender como estes avaliam os conteúdos do livro e a denúncia, baseando-se em sua formação e experiência docente. A análise aponta que os debates relacionados a temas da puberdade são demandas trazidas ao contexto escolar pelos próprios estudantes e aproximam os currículos da realidade dos mesmos. A censura a atividades pedagógicas ou materiais didáticos que oportunizam esses debates pode perpetuar concepções errôneas ou sentimentos de inadequação, que levam a comportamentos prejudiciais à saúde e sofrimento à vida dos adolescentes.

Palavras-chave: educação sexual; saberes docentes; currículo.

Apoio financeiro: CNPq.

Introdução

Desde 2010, o avanço de vozes conservadoras no debate público brasileiro fez crescer as tentativas de institucionalização de um projeto conservador para a educação. Através da aliança entre grupos fundamentalistas religiosos e políticos ultraliberais, o Movimento Escola Sem Partido ganhou grande destaque na sociedade quando adotou o combate ao que chamam de “ideologia de gênero” como pauta prioritária. Sendo esta uma reação conservadora ao avanço de iniciativas de educação sexual e de combate à homofobia nas escolas, e aos direitos reprodutivos e dos LGBT, sob a justificativa de primazia da “família” sobre a escola na educação de seus filhos. Deu-se início então a escalada de casos de tentativas de censura à materiais didáticos, perseguição à professores ou a quaisquer iniciativas ou políticas que tivessem como intuito debater tais temáticas nas escolas (MOURA e SALES, 2018; MIGUEL, 2016).

No que se refere aos currículos de Ciências e Biologia, é possível perceber como este projeto pode entrar em conflito principalmente no que se refere aos debates contemporâneos que interpelam o ensino destas disciplinas e que vêm sendo incorporadas aos currículos nas últimas décadas. Tomando como exemplo o ensino de temáticas relacionadas à corpo humano e saúde, abordagens biomédicas e higienistas vêm sendo progressivamente interpeladas por enfoques sociais e culturais, produzindo mudanças nas concepções sobre essas temáticas que circulam nos currículos de Ciências (VILELA e SELLES, 2015).

Este trabalho tem como objetivo compreender os conflitos entre os currículos de Ciências e Biologia e o projeto conservador para a educação, baseando-nos na experiência docente destas disciplinas. Tomamos como ponto de partida para nossa análise um caso de tentativa de retirada de um livro didático de Ciências destinado ao 8º ano do ensino fundamental¹ de uma escola estadual, sob a justificativa de pais de alunos de que o desenho de um pênis ereto e o conteúdo de educação sexual presentes no livro seriam inadequados à idade de seus filhos.

Metodologia

Foram realizadas entrevistas em Grupo Focal com professores em exercício de Ciências e Biologia e licenciandos de Ciências Biológicas, nas quais se propunha uma análise de parte do livro 8 da coleção Apoema, alvo de denúncia ao MP-RO descrita acima. A entrevista foi dividida em duas etapas, e para cada uma, um roteiro distribuído para cada participante.

Na primeira etapa, o roteiro continha trechos do “Capítulo 5 – Adolescência”, onde se encontram os principais conteúdos que motivaram a denúncia. O roteiro propunha discutir a abordagem e as imagens em relação à linguagem, adequação à faixa etária e relevância para o ensino, baseando-se na formação e na experiência em sala de aula.

Na segunda parte, o roteiro propunha que os entrevistados avaliassem a denúncia, seus argumentos e efeitos sobre o ensino de Ciências e Biologia e o trabalho docente.

Os resultados aqui apresentados são fruto de dois grupos focais realizados em 2018. O primeiro com um grupo professores de Ciências e Biologia da rede pública e particular, e o segundo com uma turma de licenciandas de Ciências Biológicas de universidade pública.

¹ “Pais acionam MP para proibir livro escolar com desenho de pênis em Rondônia” Fonte: <https://g1.globo.com/ro/ji-parana-regiao-central/noticia/pais-acionam-mp-ro-para-proibir-livro-de-ciencias-com-ilustracao-de-penis-em-escola.ghtml>

Resultados e Discussão

A avaliação dos entrevistados ressaltou a forma natural como o livro abordou temas considerados tabus. Segundo eles, a abordagem contribuiu para abrir o diálogo, fazer o estudante se sentir à vontade para falar. Em comparação com outros livros didáticos foi ressaltada diferença entre uma abordagem “conteudista” em contraposição à abordagem dialógica do livro analisado. É interessante pensar na interpelação dos conteúdos tradicionais da biologia aos seus aspectos sociais e culturais, isto é, a realidade vivida pelos estudantes, como parte das visões de professores e licenciandos sobre o Ensino de Ciências e Biologia.:

Com efeito, ao interpelarem a hegemonia biomédica e comportamental, as tendências sociais e culturais contribuem para o questionamento das bases conteudistas da formação de professores, advertindo-a para a inclusão das dimensões sociais e culturais do ensino do corpo humano e da saúde. [...] Certamente, continuaremos a informar sobre a anatomia e a fisiologia de nossos corpos, mas acentuaremos sua interdependência social e cultural. (VILELA e SELLES, 2015, p. 120)

Nos dados obtidos no grupo focal percebemos que relacionar os conteúdos biológicos sobre a puberdade à realidade dos estudantes está condicionada a dois aspectos: a uma demanda vinda dos estudantes durante as aulas e a importância de se debater esses temas por produzirem efeitos interessantes.

Sobre as temáticas serem demandas trazidas pelos estudantes para a escola os entrevistados relataram diversos casos em que tiveram que lidar com perguntas inusitadas por parte dos estudantes ou situações de homofobia ou machismo nas escolas. Estes relatos informam sobre como os professores são desafiados a lidar com questões sensíveis de gênero e sexualidade, sendo levados a mediação destes conflitos.

“Supor que estas temáticas são “levadas” para a escola por materiais didáticos ou atividade pontuais é demonstrar total desconhecimento do contexto escolar e de seus conflitos, que existem porque a escola – especialmente a escola pública brasileira – é plural e diversa.” (MATTOS et al, 2017, p.94)

Há ainda de se considerar uma especificidade da interface destas temáticas com conteúdos tradicionais de Ciências e Biologia no que tange o ensino do corpo humano, métodos contraceptivos e saúde: não há como ensiná-los sem mostrar o corpo humano, sua anatomia e fisiologia. Na denúncia ao livro, até mesmo as imagens dos órgãos genitais foram alvo de questionamentos, colocando em xeque aspectos tradicionais dos currículos de Ciências e Biologia no atual cenário. Destacamos a fala abaixo, a qual traz uma preocupação inserida no contexto atual onde estes temas tentam ser suprimidos das escolas e se percebe como uma ameaça ao trabalho docente:

“Assim, eu não consigo imaginar uma aula dessa puramente biológica. Eu não consigo imaginar uma turma que não leve pra parte pessoal. [...] Não tem como dar essa aula, sem comentar em algum momento isso. Porque mesmo se o professor não quiser, ou não puder, talvez daqui a um tempo a gente não vai poder, o aluno vai puxar isso. Então, ou você vai ignorar ele, ou você vai atender aquela dúvida.” (Licencianda 4)

Sobre o segundo aspecto - a importância de se debater esses temas – a abordagem do livro foi significada pelos entrevistados pelo efeito que produziria sobre a vida dos estudantes ou na sociedade. Destaca-se a análise sobre o tema de transformações da puberdade, indicando diferenças nos ritmos de desenvolvimento na puberdade como normais e estimulando a aceitação do próprio corpo. A questão sobre o sentimento de inadequação também foi apontada no debate sobre o tema da virgindade. Foram pontos recorrentes nas entrevistas o fato de o livro estimular os estudantes a respeitarem o seu tempo, independente de pressões dos colegas.

Outro aspecto recorrente foi a falta de conhecimento dos pais sobre seus filhos, principalmente ao acharem que restringir tais temas nas escolas iria impedir que os filhos tivessem acesso, ressaltando que existem diversas outros veículos de informação, como a televisão e a internet, pela qual eles tem acesso inclusive à pornografia. Professores e licenciandas ressaltaram que nas escolas, até mesmo de séries anteriores ao 8º ano, estudantes já iniciaram a vida sexual. A gravidez na adolescência também foi lembrada em suas trajetórias profissionais como um dado que informa sobre a importância de debates sobre educação sexual nas escolas. Sobre masturbação, o fato de o livro tratar desta temática foi considerada importante pois o medo e o constrangimento de se falar sobre isso pode gerar comportamentos nocivos à saúde.

Um outro ponto que nos chamou atenção foi a recorrência da temática sobre abuso sexual durante os debates. Para os professores e licenciandas essa é uma das defesas para o livro e o debate sobre estas temáticas estarem nas escolas no sentido dos estudantes saberem identificar, o que fazer e se proteger. A esse tema é interessante mobilizarmos o conceito de currículo oculto, discutido por Moreira e Silva (1995) para se referir a aspectos da experiência educacional que não estão explicitadas nos currículos oficiais. Apesar de não ser explicitado em nenhum dos trechos analisados durante as entrevistas, o combate ao abuso sexual foi localizado pelos professores e licenciandas como uma possibilidade que o ensino de Ciências e Biologia pode desempenhar.

Assim, foi possível perceber como os relatos dos entrevistados produzem significação sobre como e porque os temas devem ser abordados em sala de aula, trazendo uma reflexão sobre suas próprias experiências e trajetória profissional. Mobilizamos aqui um diálogo com a perspectiva dos Saberes Docentes. Segundo Tardif (2002), os saberes dos professores são temporais, plurais e heterogêneos, personalizados e situados. Ou seja, se apoiam tanto em suas histórias de vida pessoais, na qual as concepções produzidas

durante os anos escolares têm papel fundamental, perpassando por suas formações, e se produzindo ao longo de suas carreiras pela experiência. Os saberes da experiência são importantes referências sobre a atuação dos professores na seleção e organização dos conteúdos e atividades de ensino, bem como na formação de princípios para solucionarem situações cotidianas (TARDIF, 2002).

Sobre a denúncia ao livro, os argumentos utilizados pelos denunciantes foram recebidos com espanto, uma vez que existem informações falsas (como a de que o livro traz imagem de penetração), e que não correspondem ao que o livro propõe (como o argumento de que o livro diz que o estudante pode sofrer bullying se for virgem). A associação feita foi a uma falta de interpretação de texto ou de que as pessoas que denunciaram o livro nem sequer leram o conteúdo. Isso foi associado aos diversos casos recentes de notícias falsas espalhadas pelo whatsapp e também às atuais intervenções por parte dos grupos conservadores, nas escolas e na sociedade. A ingenuidade dos pais ao acharem que o livro iria estimular alguma atividade sexual, sendo que os estudantes possuem celulares onde se veiculam todo tipo de informação, foi ressaltada. A diferença em se debater na escola estaria na qualidade da informação.

Conclusões

A denúncia ao livro didático de Ciências A Poema 8 é emblemático ao atual momento da educação brasileira e nos fez pensar especificamente sobre os currículos de Ciências e Biologia e o trabalho dos professores destas disciplinas nas escolas. No contexto de institucionalização do projeto conservador, é possível perceber tensões sobre estes currículos, tanto no que se refere aos aspectos socioculturais dos mesmos, e até mesmo sobre conteúdos clássicos, como por exemplo, anatomia humana.

Na presente pesquisa, é possível perceber como os currículos relacionados ao tema da puberdade são interpelados por temas sensíveis à realidade vivida dos estudantes, cabendo ao professor ser o mediador de eventuais conflitos quando estas temáticas eclodem no cotidiano escolar, o que coloca a própria formação docente em debate.

A necessidade de se debater temáticas próprias da adolescência nas aulas de ciências de 8º ano, foi vista por professores e licenciandas como inevitável e importante. Inevitável, pois estas temáticas são trazidas pelos próprios estudantes. E importante porque o diálogo sobre estes temas mobiliza valores democráticos, de respeito ao outro e a si mesmo, de saúde e de bem-estar. Porém, o ensejo de se censurar atividades pedagógicas ou materiais didáticos que valorizam tais temas pode perpetuar dúvidas, concepções errôneas ou sentimentos de inadequação, que levam a comportamentos prejudiciais à saúde e causam sofrimento à vida dos adolescentes nesta fase de suas vidas.

Isto não significa abrir mão dos conteúdos tradicionais do ensino destas disciplinas, e nem que estes debates irão destruir outras concepções que os estudantes tenham sobre os mesmos. Existem outras diversas instâncias que formam o ser: família, religião, comunidade, mídia, internet, redes sociais etc. Porém, o acesso à informação própria do conhecimento escolar é um direito destes sujeitos. Além disso, cabe ressaltar os professores como detentores de um saber profissional próprio, o qual se produz no cotidiano escolar, e que são constantemente desafiados a propor abordagens pedagógicas que melhor se adequem a este ambiente plural e heterogêneo das escolas.

Referências bibliográficas

MATTOS, A.; MAGALDI, A.; COSTA, C.; VELLOSO, L.; LEONARDI, P.; ALBERTI, V.; PENNA, F. Educação e liberdade: apontamentos para um bom combate ao Projeto de Lei Escola sem Partido. In: FRIGOTTO, G. (Org.). **Escola “Sem” Partido Esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: LPP/UERJ, 2017, 87-104.

MIGUEL, L.F. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” – Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. **Direito e Práxis Revista**, 7(15): 590-621, 2016.

MOREIRA, A.F.B. E SILVA, T.T. (1995). Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In: Moreira, A.F.B. & Silva, T.T. **Currículo, cultura e sociedade**. (pp.7-37). São Paulo: Cortez.

MOURA, F.P.; SALLES, D.C. O Escola Sem Partido e o ódio aos professores que formam crianças (des)viadas. **Periódicus**, 9(1): 136-160, 2018.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

VILELA, M. L. & SELLES, S. E. Corpo humano e saúde nos currículos escolares: quando as abordagens socioculturais interpelam a hegemonia biomédica e higienista. **Bio-grafia**, 8(15): 113-121, 2015.